

## Violência de gênero nos contos “Terça-Feira Gorda” e “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu

### Gender violence in the short stories “Terça-Feira Gorda” and “Sargento Garcia”, by Caio Fernando Abreu

DOI:10.34117/bjdv7n4-494

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 19/04/2021

#### **Jéssica Maria Cruz Silva**

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

E-mail: jessicaacw2016@gmail.com

#### **Laiane Lima Freitas**

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

E-mail: laiane.lfreitas.santos@gmail.com

#### **Maria Fátima Paula dos Santos**

Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

E-mail: fafabrasil1@yahoo.com.br

#### **Wilson Cavalcante Costa Júnior**

Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: wilsonjuniorccom@gmail.com

#### **Margareth Torres de Alencar Costa**

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: margarethtorres@cchl.uespi.br

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho consiste em refletir criticamente sobre a violência de gênero que marca os acontecimentos narrados nos contos “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, presentes no livro *Morangos mofados*, de autoria do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu (2005). A discussão gira em torno do preconceito, violência e silenciamento, sofridos pelos personagens homossexuais no meio social em que vivem, na época da ditadura militar. É uma pesquisa de natureza bibliográfica, na qual utilizaram-se teóricos, como Butler (2003; 2017), Bourdieu (1989; 2012), Saffioti (1987; 2015), e Foucault (1995), dentre outros que corroboram com esta discussão. Para tal, realizou-se a análise dos contos: “Terça-feira gorda”, a partir do viés de vozes silenciadas e desejos oprimidos; e “Sargento Garcia”, partindo da premissa de gênero, poder e violência. Em linhas gerais, percebeu-se que a linguagem dos referidos contos opera com intuito de mostrar o preconceito e a violência sofrida pelos homossexuais na sociedade. Assim, a literatura é uma representação social viva ao mostrar, no texto ficcional, essa discriminação contra grupos que não se enquadram nos padrões de heteronormatividade.

**Palavras-chave:** Violência de gênero, “Terça-feira gorda”, “Sargento Garcia”, Caio Fernando Abreu.

## ABSTRACT

This work’s objective is to critically reflect on the gender violence that marks the events narrated in the short stories “Terça-feira gorda” and “Sargento Garcia”, present in the book *Morangos mofados*, authored by the Brazilian writer Caio Fernando Abreu (2005). The discussion revolves around prejudice, violence, and silencing, suffered by homosexual characters in the social environment in which they live, at the military dictatorship time. It is a bibliographic research, in which theorists were used, such as Butler (2003; 2017), Bourdieu (1989; 2012), Saffioti (1987; 2015), and Foucault (1995), among others that corroborate for this discussion. To this end, the tales’ analysis was carried out: “Terça-feira gorda”, from the perspective of silenced voices and oppressed desires; and “Sargento Garcia”, based on the premise of gender, power, and violence. In general, it was noticed that the language of these stories operates with the aim of showing the prejudice and violence suffered by homosexuals in society. Thus, literature is a living social representation in showing, in the fictional text, this discrimination against groups that do not fit the heteronormativity standards.

**Keywords:** Gender violence, “Terça-feira gorda”, “Sargento Garcia”, Caio Fernando Abreu.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Publicado em 1982, o livro *Morangos mofados* situa-se no conturbado momento histórico brasileiro de transição entre a ditadura militar e o regime democrático. É uma narrativa fragmentada, tanto em termos estruturais como na articulação do foco narrativo, com personagens excêntricos em busca de uma completude. Para Hutcheon (1991), as vozes excêntricas “(seja em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) assumem uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monolito homogêneo (isto é, classe média, heterossexual, branca e ocidental)” (HUTCHEON, 1991, p. 29).

A obra em estudo está dividida em três partes: “O Mofo”, constituída por nove contos; “Os Morangos”, com oito contos; e “Morangos mofados”, formada pelo conto que dá nome à obra. Sobre o referido título, os morangos podem ser associados à vitalidade, enquanto o mofo indica o estrago do fruto por meio do tempo, o que pode ser ligado aos desfechos melancólicos de alguns personagens.

O escritor Caio Fernando Abreu, na maioria de seus contos, situa sua produção literária na época da ditadura militar, período em que as pessoas eram proibidas de se expressar. Mesmo diante desse contexto, o referido autor não se eximiu de registrar, em sua produção literária, personagens que representam o modo obscuro e triste de viver, por

conta da opressão sofrida por não se enquadrarem nos padrões heterossexuais. A presença de personagens homossexuais, nos seus contos, seria uma forma de protestar contra o preconceito da sociedade a este modo de viver.

O objetivo deste trabalho consiste em refletir criticamente sobre a violência de gênero que marca os eventos narrados nos contos “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, presentes no livro *Morangos mofados*. Este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira, que são as considerações iniciais, contextualiza-se o presente estudo. Na seção seguinte, imprime-se uma discussão sobre o conceito de gênero, tentando compreender sua manifestação em estruturas sociais, marcadas por concepções autoritárias, conservadoras, e violentas, particularmente, no momento histórico em que a narrativa está inserida: a ditadura militar brasileira. Para este desenvolvimento teórico, utilizaram-se as acepções de autores, como Butler (2003; 2017), Bourdieu (1989; 2012), Saffioti (1987; 2015), e Foucault (1995), dentre outros que corroboram com a discussão proposta.

Na terceira e quarta seções, promove-se a análise dos acontecimentos narrados pelos personagens de ambos os contos, que vivem em espaços sociais generificados. Tais estruturas são caracterizadas pela coerção do desejo, e a violência é aceita como forma de ordenar e disciplinar os grupos sociais que fogem à matriz heterossexual. Por fim, estão os resultados parciais alcançados.

Os contos escolhidos para análise foram “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, considerando a temática homossexual e homoerótica que envolve os personagens centrais. Estes temas, por vezes marginalizados, animam debates sob novo olhar, com o intuito de revelar a coibição, aversão e a intolerância social, por meio do texto ficcional.

## **2 VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

O conceito de gênero está envolto por uma complexidade em sua categorização. O debate acerca de questões relacionadas ao gênero vem se destacando em diversos âmbitos sociais, configurando-se em um quadro de avanços e recuos pelo direito à igualdade de gênero e respeito à diversidade sexual.

Por muito tempo, a dicotomia homem/mulher, baseada na diferença de gênero, garantiu a legitimação de uma estrutura dominante na qual o homem é colocado numa posição privilegiada, enquanto a mulher é marginalizada e destituída de direitos. O gênero configura-se, na perspectiva butleriana, como o “aparato pelo qual a produção e normalização do masculino e do feminino ocorrem, juntamente com formas intersticiais

hormonais, cromossômicas, psíquicas, performativas que gênero assume” (BUTLER, 2017, p. 695). Essas construções sociais são naturalizadas e sustentam relações de poder que moldam esses polos binários.

Nesse sentido, gênero pode tanto ser o mecanismo que constrói e naturaliza a noção binária de masculino/feminino, como também o aparato que desconstrói e desnaturaliza essas noções, com a ruptura desse binarismo. Se gênero é uma norma, não se trata de um modelo que os indivíduos tentam seguir, mas uma forma de poder social que produz um campo inteligível de sujeitos, e um aparato pelo qual o binário de gênero é instituído, fazendo com que tais categorias pareçam atributos naturais e preexistentes, ao invés de construções performativas e históricas.

Conforme Lauretis (1994), gênero não é uma propriedade de corpos ou algo que exista *a priori* nos seres humanos, mas o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, através de sistemas de poder que se articulam e moldam padrões de masculinidade e feminilidade. Nas palavras da autora, trata-se de um “sujeito ‘engendrado’ não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único” (LAURETIS, 1994, p. 208, grifo da autora).

As concepções de masculino e feminino, enquanto categorias que se definem por oposições mútuas, dentro das quais os seres humanos são enquadrados, formam um sistema de significações que preexiste aos indivíduos e relaciona o sexo a questões baseadas em hierarquias sociais. Nessas condições:

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade (LAURETIS, 1994, p. 212).

Apreende-se, então, que o mundo constrói o corpo como uma realidade sexuada, usando a diferença biológica entre o corpo masculino e o corpo feminino como justificativa natural da diferença entre os gêneros. Tal diferenciação é construída com base em discursos hegemônicos socialmente produzidos.

Tomando o conceito de gênero como categoria útil de análise, Scott (1995) explica que as preocupações teóricas a ele relacionadas surgiram no século XX, com duas proposições ligadas entre si: é tanto um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças entre os sexos, como um modo de dar significado às relações de poder. O primeiro bloco está ligado aos instrumentos de diferenciação entre as

propriedades fixas que deveriam pertencer ao masculino e ao feminino. O segundo bloco trata da importância do gênero para explicar como se constituíram as relações de poder entre os sexos, ressaltando as lutas e interpretações concorrentes que as produziram.

Percebe-se que, embora os discursos hierárquicos também abarquem outras esferas, como a social, a econômica, a cultural, são os polos binários, feminino e masculino, que estão no centro dessa organização simbólica, baseando-se em uma oposição mútua: o que pertence a um gênero é subtraído ao outro.

A discussão sobre gênero tem sido afluída no meio acadêmico, por se tratar de um embate que envolve não apenas o gênero, mas o sexo e o desejo. Frente a isso, Butler (2003) problematiza sobre a questão da dominação do sistema patriarcal, que amplia a ideia de opressão das mulheres na sociedade. Foi a partir dessa premissa que surgiu a noção de patriarcalismo universal com o intuito de colocar a voz feminina no *status* social.

Nesse percurso, surgiram os questionamentos sobre a concepção de gênero, sob o olhar das identidades construídas culturalmente na sociedade. Entretanto, Butler (2003) enfatiza que não apenas o gênero é uma questão cultural, mas também o sexo, visto que a polaridade das dimensões de masculino e feminino é construída a partir das identidades firmadas na sociedade. Corroborando com essa ideia, Bourdieu (2012) afirma o seguinte:

A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2012, p. 20, grifos do autor).

Por esse viés, a diferenciação entre as categorias de homem e mulher, com base em elementos anatômicos, é arbitrária, tendo em vista a concepção de conceitos formulados pela sociedade dominante. A acentuação de certas diferenças ou o obscurecimento de certas semelhanças obedece a um sistema de oposições entre positivo e negativo, que toma a superioridade masculina como princípio norteador (BOURDIEU, 2012).

Inicialmente, o gênero era visto como a representação binária masculino/feminino. Com as lutas de classes e das minorias, a palavra “gênero” passou a ser compreendida como “significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” (BUTLER, 2003, p.24). Nessa acepção, o entendimento da categoria de gênero não implica somente dizer que o mesmo seja decorrente do sexo, mas de uma representação performática construída culturalmente, conforme exposto abaixo:

Levando a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre os corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que construção de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos (BUTLER, 2003, p. 24, grifos da autora).

Dessa forma, o gênero é, em sua essência, flutuante, porque um corpo masculino pode significar tanto um corpo feminino como um masculino, e vice-versa. Nessa concepção, não se pode definir o gênero como a ordem natural do sexo, mas como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86), que estão, de certa forma, firmadas na sociedade.

Acrescenta-se, ainda, que o gênero é construído a partir de uma unidade temporal social, que ocorre mediante a repetição de atos performativos, cristalizados no tempo com uma aparência de naturalidade, como estratégia para manter o gênero em sua estrutura binária. Nesse sentido, Butler (2003) assegura que:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero (BUTLER, 2003, p. 200, grifos da autora).

Assim, quem se comporta fora do padrão binário, feminino e masculino, que tem a heterossexualidade como conduta correta de comportamento social, acaba sendo violentado, seja de forma física, moral ou psicológica. No âmbito da literatura, as experiências de personagens que buscam relacionar-se livremente reforçam o olhar reflexivo sobre o conceito de violência. Em torno dessa discussão, Almeida e Zapater (2013) pontuam que:

O termo violência física, que podemos descrever como uma forma de coerção exercida sobre o corpo de uma pessoa para castigar, disciplinar ou subjugar, sempre foi expressão de poder. É neste contexto que o corpo deixa de ser objeto de poder para ser direito do indivíduo – aliás, é o primeiro civil, que nos dá pistas importantes para pensar em determinadas populações (mulheres, negros, crianças, detentos, homossexuais, etc) que continuam a sofrer mais violência física do que outras, até os dias de hoje. Mas violência também pode ser simbólica, correspondendo a uma forma de coerção exercida pela fabricação de crenças no processo de socialização (ALMEIDA; ZAPATER, 2013, p. 97).

Percebe-se que a violência pode ser tanto física como simbólica, e advém de padrões estruturais antigos impregnados na população, segundo normas sociais definidas

sob o conceito de gênero. Por esse viés, a partir do momento em que personagens do mesmo sexo se desejam, a narrativa literária corrobora para a compreensão do que seria a Teoria *Queer*:

*Queer* é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2015, p. 7-8, grifos da autora).

A Teoria *Queer* representa uma minoria, considerada excêntrica, que possui uma diversidade composta por orientação sexual, etnia, gênero, nacionalidade. Esta teoria questiona a noção de identidade que pressupõe somente a existência de dois gêneros. Compreende-se como uma cultura múltipla de grupos, como gays que almejam lugar de voz.

Com base no exposto, as análises produzidas nos próximos tópicos estarão pautadas nesses estudos de gênero, em razão da violência sofrida pelos personagens dos contos estudados. Por não estarem enquadrados nos padrões de heteronormatividade, construídos e legitimados por discursos sociais dominantes, eles acabam sofrendo com a coerção de seus desejos, através de práticas violentas.

### **3 “TERÇA-FEIRA GORDA”: VOZES SILENCIADAS E DESEJOS OPRIMIDOS**

As primeiras violências apontadas em “Terça-feira gorda” desenrolam-se em espaço público, especificamente, no carnaval brasileiro. A celebração do carnaval representa um ritual nacional que compõe um enredo dramático de valores universais. Neste ritual, a sociedade está voltada para o evento que reúne maior parte da atividade nacional. Com o feriado, cidadãos ausentam-se do trabalho, que é obrigatório durante o ano, para de forma espontânea “dançar” o carnaval. O cotidiano é substituído por uma festividade marcada por mudanças no comportamento da população. A rotina maquinal é transformada em momentos de alegria e descontração, e a vida fora deste ambiente passa a ser vista como mecânica, no mundo hierárquico imposto pelas normas morais vigentes. As pessoas das camadas baixas e marginalizadas, na sociedade, participam ativamente do carnaval,

[...] onde são invertidas as ordens tradicionais de uma sociedade em que a intersecção de negros e brancos, etnias antigas e grupos modernos, pretende

resolver-se mediante hierarquias severas; troca-se a noite pelo dia, os homens se fantasiam de mulher (CANCLINI, 2003, p. 221).

O título do conto, “Terça-feira gorda”, alude a um paradoxo, pois consideramos a utilização do samba, um estilo musical vindo de “baixo”, para problematizar o relacionamento social com camadas marginalizadas. Essa forma musical possibilita um meio de juntar pessoas de todas as classes. Assim, neste feriado, a união dos cidadãos brasileiros é construída por baixo. De acordo com Da’Matta (1997):

O samba, então, como tudo o que vem de ‘baixo’, adquire uma aura sedutora e abrangente. Tanto o samba quanto os grupos do carnaval (sobretudo as escolas de samba) estão voltadas para ‘cima’ na busca da conversão, aprovação e legitimação dos segmentos superiores da sociedade. Assim, o sistema se integra também nesse nível, quando a sociedade se individualiza. Pois agora, dividida em grupos bem visíveis, ela se integra novamente adotando como forma generalizável e universal tudo o que nasceu ‘embaixo’ (DA’MATTÁ, 1997, p. 143-144, grifos do autor).

Percebe-se, então, a função do carnaval na narrativa literária, que oferece visibilidade para grupos que, frequentemente, sofrem com o preconceito. O conto apresenta atração e relação sexual entre dois homens que se encontram pela primeira vez no carnaval. O outro é representado como um homem com traços masculinos: forte, com pelos, corpo malhado, carnes rijas e duras, pele morena de sol. Há uma erotização do corpo masculino que desperta o desejo sexual em outra pessoa do mesmo sexo.

Na minha frente ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo. Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pelos, os dois. Os pelos molhados se misturavam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também (ABREU, 2005, p. 31).

Os corpos masculinos como atributo para a atração homoerótica provocam uma rachadura com o rótulo em relação aos homossexuais como ser afeminado ou afetado, que possuem características aproximadas aos do gênero feminino. Entretanto, não é somente a atração homossexual que é apresentada pelo narrador. Nota-se também a repressão e a intolerância sofridas em espaços públicos: “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta olhavam” (ABREU, 2005, p. 31). A violência de gênero pode se exercer tanto contra a pessoa que não corresponde com o conjunto de



regras esperado para seu gênero como com o exercício de dominação de um gênero em relação ao outro.

Para Bourdieu (1989), a violência simbólica tem o “poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomias) arbitrários – embora ignorados como tais – da realidade social” (BOURDIEU, 1989, p. 12). Ou seja, uma forma de impor o modo de pensar configurando uma repressão, incluindo a física. No conto em análise, a representação da relação homossexual é acompanhada do lirismo, que desvela a violência suportada por aqueles que decidem trocar afetos em espaços coletivos.

O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico (ABREU, 2005, p. 32).

À medida que a afetividade cresce, o nível de agressão aumenta. O relato demonstra o lirismo do encontro amoroso. A voz narrativa é construída por meio de recordações que situam os personagens, “o enredo existe através das personagens: as personagens vivem no enredo” (CANDIDO, 1968, p. 51). Há descrição dos momentos de excitação sexual, de atitudes e do físico dos personagens. Ou seja, a memória é coletiva, mas somente o indivíduo tem a capacidade de lembrar.

Os personagens, na praia, não se interessam em informações, como o nome, telefone e endereço um do outro, o único desejo naquele instante era carnal: “A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha, depois se misturaram molhadas. Feitos dois figos modernos apertados um contra o outro” (ABREU, 2005, p. 32). Observa-se que os personagens não são chamados pelo nome, e, a partir disso, identificamos o preconceito sendo manifestado de forma velada, como também não conhecemos quem são os agressores. Este anonimato é um aspecto da história que compreende tanto o lado do oprimido e sua invisibilidade no estrato populacional, como de quem comete o ato violento, que, na maioria das vezes, não recebe uma punição por não conhecer o rosto.

Halbwachs (2006) afirma que todo ato de memória é uma forma de “intuição sensível”, que espelha a atuação do indivíduo na composição das recordações. O sujeito é considerado um elemento das memórias coletivas, mesmo que esta lembrança seja individual. O par gay procura um local, a praia, para que possam trocar carinhos, mesmo assim são perseguidos por pessoas com intuito de reprimi-los com o uso da força.

Mas vieram vindo, então, eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos (ABREU, 2005, p. 32-33).

O narrador testemunha o encontro homoafetivo e denuncia a violência de gênero. Os xingamentos direcionados aos rapazes é um sinal do que ocorreria mais tarde. No clímax do conto, presenciemos as agressões corporais, que resultam na morte de um dos homossexuais, em virtude da violência praticada para com essa minoria. Destaca-se que as ações, como as verbais, consideradas mais brandas, são realizadas por indivíduos, enquanto o teor considerado mais violento, como a agressão física, funciona em caráter coletivo.

Após o episódio da perseguição e agressão que leva o outro personagem à morte, o narrador-personagem pensa numa sequência de imagens, como se faz em filmes: o encontro dos corpos sambando, o casal homossexual na praia e por último “a queda lenta de um figo maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos” (ABREU, 2005, p. 33). A metáfora refere-se ao assassinato violento de um dos personagens, demonstrando a covardia da sociedade homofóbica. O corpo que ora foi desejado, sendo repreendido a pontapés, figura a imagem de um figo frágil sendo despedaçado diante de tamanha violência física.

Há combinação entre tempo e narrador, isto é, o personagem narra lembranças de forma linear. Para Halbwachs (2006), existem quadros que correspondem ao meio social que constituem as memórias individuais. Estes quadros sociais da memória atuam como ponto de partida para a constituição objetiva de recordações, determinando o que deve ser lembrado, esquecido ou silenciado.

O tempo e o espaço são elementos vitais da experiência humana, pois são percebidos por meio de padrões que fazem parte da coletividade que auxilia na experiência individual. “Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (HALBWACHS, 2006, p. 29). Ou seja, o narrador-personagem une as lembranças do passado com as percepções do presente, formando o testemunho.

#### 4 “SARGENTO GARCIA”: GÊNERO, PODER E VIOLÊNCIA

O conto “Sargento Garcia” está situado na parte do livro denominada “Os Morangos”. Traz como mote central a iniciação sexual do jovem Hermes com Luiz Garcia de Souza, o sargento Garcia, um homem mais velho, militar, másculo, de rude trato, que costumava levar seus jovens amantes a um bordel, onde deixava aflorar seus recônditos desejos.

Percebe-se, nesse conto, dois elementos marcantes nas atitudes de Hermes: o medo, que o faz recuar, em certos momentos, e o desejo, que o instiga a se entregar às investidas do sargento Garcia e encontrar condições de afirmação de si na ligação com o outro. Esse processo de iniciação sexual, marcado pelo medo e pelo desejo em torno do, até então, desconhecido, pode ser observado no trecho abaixo:

O cheiro azedo dos lençóis, senti, quantos corpos teriam passado por ali, e de quem, pensei. Tranquei a respiração. Os olhos abertos, a trama grossa do tecido. Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim. - Seu puto - ele gemeu. - Veadinho sujo. Bichinha-louca. Agarrei o travesseiro com as duas mãos, e num arranco consegui deitar novamente de costas. Minha cara roçou contra a barba dele. [...] Molhada, nervosa, a língua voltou a entrar no meu ouvido. As mãos agarraram a minha cintura. Comprimi o corpo inteiro contra o meu. Eu podia sentir os pelos molhados do peito dele melando a minha pele. Quis empurrá-lo outra vez, mas entre o pensamento e o gesto ele juntou-se ainda mais a mim, e depois um gemido mais fundo, e depois um estremecimento no corpo inteiro, e depois um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga. Ele soltou o corpo. Como um saco de areia úmida jogado sobre mim (ABREU, 2005, p. 55).

As atitudes do sargento, descritas acima, sugerem a imagem de um homem viril e animalesco, que trata aqueles que leva ao bordel como seus subordinados, submissos às suas vontades. Da mesma forma, ele age em seu local de trabalho, regido pela dominação masculina e pelo privilégio heterossexual. Saffioti (1987), ao esboçar os elementos que legitimam a superioridade do homem, afirma que:

Ao macho estão sempre associados valores tais como força, razão, coragem. Logo, os raquíticos, os afetivos, os tímidos são solicitados impositivamente a se comportarem de forma contrária às suas inclinações. [...] Para não correr o risco de não encarnar adequadamente o papel do *macho* o homem deve inibir sua sensibilidade. [...] O homem será considerado *macho* na medida em que for capaz de disfarçar, inibir, sufocar seus sentimentos (SAFFIOTI, 1987, p. 25, grifos da autora).

Através dessa afirmação, pode-se explicar o tom autoritário e indiferente, usado pelo sargento Garcia, ao tratar os recrutas recém-chegados, incluindo Hermes. Suas atitudes reforçam a imagem estereotipada do macho, que deve estar isenta de características atribuídas ao feminino, como delicadeza, sensibilidade, emoção, por serem estas negativas ao homem.

Logo, cabe ao sargento Garcia, nessa busca por satisfazer suas vontades sexuais, a função de caçador, segundo os discursos dominantes. “Para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo. Comporta-se, pois, como sujeito desejante em busca de sua presa. Esta é o objeto de seu desejo” (SAFFIOTI, 1987, p. 18).

Hermes, a presa desejada por Garcia, descreve um conjunto de reações, durante sua primeira experiência sexual, gerando um clima quente e carregado de sensações fisiológicas latentes que, a princípio, lhe causam ódio. Ao final do encontro, o rapaz percebe que algo dentro de si mudou:

[...] uma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda naquele mais de dentro de mim, como os reflexos escondidos, [...] porque devia ficar enjaulada amordaçada ali no fundo pantanoso de mim, feito bicho numa jaula fedida (ABREU, 2005, p. 56).

Percebe-se que a ideia de despertar um desejo que não deveria ser acordado perturba Hermes, mas sem desfazer a sensação de prazer, pois reconhece que tal sensação “uma vez desperta, não voltaria a dormir” (ABREU, 2005, p. 56). A reação do personagem sugere que ele está hesitante quanto às consequências que esse tipo de revelação poderia lhe causar.

Através da afirmação “o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual”, Saffioti (2015, p. 33) evoca o processo de marginalização que grupos como mulheres, homossexuais, ou negros, estão inseridos. Para Foucault (1995), os sistemas sociais hierarquizantes se articulam sobre dois pontos: “que o outro [...] seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 243). Em outras palavras, o poder, além de coercitivo e repressor, é também produtivo, heterogêneo, e atua por meio de práticas e técnicas que foram inventadas, aperfeiçoadas e se desenvolvem sem cessar, existindo uma verdadeira tecnologia de poderes, cada uma com sua própria história.

Seguindo o pensamento bourdiano, estruturas de dominação, como Igreja, Estado, Escola, ou Família, confinam o sujeito em determinado papel social, tornando quase

impossível que o dominado se dê conta daquilo que o sociólogo francês denomina como violência simbólica: “violência suave, insensível, invisível às próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento” (BOURDIEU, 2012, p. 07).

Nessa conjuntura, o corpo “não é um ser, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003, p. 198). Dito de outra forma, o corpo não constitui uma superfície pronta, mas um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas.

Os atos performativos estão cristalizados socialmente com a aparência de naturalidade. “A univocidade do sexo, coerência interna do gênero e estrutura binária para sexo e gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista” (BUTLER, 2003, p. 59). Logo, a heterossexualização do desejo institui oposições discriminadas e assimétricas entre masculino e feminino.

No conto aqui analisado, as experiências vivenciadas por Hermes despertam nele a força ambígua entre o prazer e o tormento, em um jogo de poder assimétrico, que submete o jovem ao poder viril do sargento. A seguinte metáfora: “Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta” (ABREU, 2005, p. 55) manifesta um processo de autodescoberta da identidade sexual do personagem. A lanterna, enquanto luz e razão, contrapõe-se à caverna, onde as trevas podem ser associadas ao desconhecido. Enquanto a lanterna vai adentrando aquele lugar escuro, Hermes passa a desejar aquilo que antes era desprezado.

Assim, Abreu (2005) demarca uma contextualização histórica ligada ao período de violência, intolerância e repressão da ditadura militar. Isso faz com que Hermes manifeste a vontade de manter essa primeira experiência sexual com outro homem, bem como as sensações por ela despertadas, amordaçadas dentro de si. Entretanto, o rapaz sabia que não seria possível, pois, como ele afirma: “Meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde” (ABREU, 2005, p. 56). Inicia-se, então, mesmo que de maneira confusa, um processo de aceitação do que está acontecendo: “Meu corpo inteiro nunca tinha me parecido tão novo” (ABREU, 2005, p. 49).

Dessa forma, o texto de Caio Fernando Abreu (2005) desestabiliza modelos sociais heteronormativos, cuja estrutura se caracteriza pela coerção do desejo, e a

violência é aceita como forma de ordenar e disciplinar os grupos sociais, em favor de interesses dominantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de esgotar as categorias aqui analisadas, foi possível constatar, ao longo deste estudo, que a obra *Morangos mofados*, de Abreu (2005), especificamente os contos aqui analisados, apresentam experiências individuais, movidas pelo desejo, inseridas em contextos de autoritarismo, violência e soberania masculina. Através da temática e da forma literária adotada, é possível promover a reflexão sobre tais experiências e mobilizar o leitor, diante da necessidade de mudanças na apreensão de determinada realidade.

Nos contos “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, os personagens vivem em espaços sociais generificados, marcados por um conjunto de regras que normatizam e naturalizam a heterossexualidade como forma correta de conduzir o desejo. Comportamentos contrários à matriz heteronormativa são coagidos de forma vexatória e violenta.

O conteúdo dos contos confronta sistemas ideológicos que apagam o indivíduo que almeja liberdade sexual ou afetiva segundo suas próprias vontades. A linguagem funciona como arma na luta contra a violência sofrida pelos homossexuais que, diante de agressões, costumam ser silenciados.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- ABREU, Caio Fernando. Sargento Garcia. In: ABREU, C. F. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 44-57.
- ABREU, Caio Fernando. Terça-feira gorda. In: ABREU, C. F. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 30-33.
- ALMEIDA, Guilherme Assis de; ZAPATER, Maíra Cardoso. Direito à igualdade e formas de discriminação contra a mulher. In *Manual dos direitos da mulher*. São Paulo: Editora Saraiva, 2013. p. 97-111.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. In: BRANDÃO, I.; CAVALCANTI, C. L. C.; LIMA, A. C. A. (org.). *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. p. 692-716.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- DA'MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (org.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 20 mar. 2021.